

## OLHARES DOCENTES

### O início da Literatura Moçambicana: história e mitos<sup>1</sup>

Izabel Maria de Vasconcelos Paiva Formação  
*Graduação em Comunicação Social e estudante de Letras*

Iniciamos o estudo da Literatura Moçambicana nos perguntando o quão é relevante conhecer a história de um país para compreendermos os rumos que a literatura do mesmo tomou ao longo de sua sistematização e trajetória. Citando Antonio Cândido:

“a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais [...] não convém separar a repercussão da obra de sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada quando repercute e atua”.  
(CANDIDO, 2008).

Verificamos então a magnitude da influência do contexto histórico e social na Literatura Moçambicana, que é relativamente nova, com sistema consolidado a partir do século XX e que tem início basicamente com a luta anticolonial e a busca da identidade própria. A colonização de Portugal ditava as regras sociais e culturais, valendo-se disto para incutir ideias de subserviência aos colonizados e assim legitimar essa relação de poder.

A sistematização da literatura nas diversas colônias africanas, especialmente em Moçambique, iniciou a literatura de luta anti-opressão que mais tarde desencadeou nas respectivas independências. Começava a se manifestar em periódicos, onde a literatura caminhava ao lado da imprensa, divulgando a produção literária local. A revolta crescente dos colonizados contra a opressão, censura e abuso dos direitos humanos e trabalhistas gera o protonacionalismo que evolui, no caso da literatura, à fuga dos padrões literários da metrópole, portanto traça um caminho de busca da negritude, da africanidade e suas raízes.

Rui de Noronha, em 1909, inicia sua produção literária se contrapondo enfaticamente à literatura colonial, em busca do “eu” moçambicano. Segue-se a ele Noémia de Sousa e José Craveirinha, todos engajados na chamada Poesia de Combate. Essa poesia encontrou a dificuldade do analfabetismo, mas driblou isso com a leitura dos poemas em reuniões de grupos anticoloniais que começavam a se formar.

---

<sup>1</sup> Texto produzido no âmbito do Curso Introdução a Literatura Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

A partir da independência, em 1975, acirrou-se o processo de busca da identidade e delineou uma busca pela literatura moçambicana enquanto entidade distinta.

Em 1982 houve a fundação da AEMO – Associação dos Escritores Moçambicanos, a partir da cobrança que a crítica fazia dos jovens escritores repensarem os paradigmas da literatura de luta praticada até então com o sentido de buscar um caminho para a literatura emergente de Moçambique. A partir disso os escritores moçambicanos adotaram a Literatura Brasileira como norte, especialmente o Movimento Modernista de 22 e seus autores e um pouco a frente a escrita de Jorge Amado. Todo esse caminho traçado na busca de uma voz nacional dentro da literatura. A figura de Jorge Amado, tido como grande contador de histórias, com ênfase na literatura regionalista e utilizando a linguagem oral nas suas obras, influenciou escritores por toda África, destacando-se os moçambicanos.

Escritores contemporâneos como Mia Couto, Suleiman Cassano, Paulina Chiziane e Ungulani Khosa passam então a fazer um paralelo entre os valores tradicionais africanos e os valores ocidentais de modernidade e buscam construir a literatura nacional com características bem próprias, utilizando conceitos como metalinguística e realismo mágico, pesquisando suas raízes e valorizando as tradições passadas oralmente. Essa escrita muitas vezes flerta com temas pouco palatáveis como poligamia e crenças religiosas diversas do cristianismo originário da colonização e, em alguns casos, rompe com tradições seculares e em outros preservando-os. A preservação destas tradições se afirma como uma forma de redescobrir e resgatar a história da nação que havia sido deixada de lado e distorcida pelos colonizadores como instrumento de poder. Essa retomada da história muitas vezes se vale da criação de mitos e heróis a fim de unificar a mentalidade de comunidade, ainda que imaginária, mas que se orgulha de fazer parte e do seu passado digno. Por fim concluímos que a literatura, embora via de regra seja instrumento de humanização e liberdade, pode ser utilizada como forma de dominação. E também que esse ciclo de poder vai ter seu fim em algum momento e essa é a “vingança” da cultura, incluindo artes e literatura, que acabam sendo fontes de reconstrução e de identidade.

### Referências:

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Ouro sobre azul. 2008.

SILVA CAMPOS, Josilene. **Anticolonialismo, Literatura e Imprensa em Moçambique**. 2015. (XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, SC)